

Bicha-Malandro. O devir macumbeiro na circularidade ontológica de Madame Satã

Bicha-Malandro. The “Macumbeiro devir” in the
Ontological Circularity of Madame Satã

Eduardo Bonine¹

RESUMO

A epistemologia de terreiro é uma metodologia e um lugar conceitual ainda em disputa na Ciência da Religião. A nossa proposta é perceber e perspectivar o cotidiano do Brasil por meio do devir macumbeiro, a sistematização das ontologias plurais, diversas e múltiplas da brasilidade. A biografia de João Francisco dos Santos, o Madame Satã, permite que percebamos as éticas e as estéticas que (re)elaboram os processos de sociabilidade do país. Cruzaremos a perspectiva de corpo referenciada no livro *As múltiplas faces de Madame Satã* de Geisa Rodrigues com o enredo da Lins Imperial, *Resistir para existir*, para percorrermos um caminho de possibilidades diversas em nossa disciplina, a fim de contemplarmos os trânsitos, os desvios, as alternativas e as encruzilhadas de nosso cotidiano pulsante da brasilidade.

Palavras-chave: Epistemologia de terreiro; Devir macumbeiro; Madame Satã.

ABSTRACT

We want to understand and put into perspective the daily life of Brazil through the devir (becoming) macumbeiro, the systematization of the plural, diverse and multiple ontologies of Brazilianness. Through the biography of João Francisco dos Santos, Madame Satã, we will analyze the ethics and aesthetics that (re)elaborate the country's sociability processes. Our hypothesis is that the devir macumbeiro is a category that offers other paths and other possibilities in the production of our science, by precisely highlighting and enhancing the transits, deviations, alternatives and crossroads of our Brazilian daily life.

Keywords: Epistemology; Macumbeiro becoming; Madame Satã.

Introdução

Nas querelas entre o Brasil-nação e a brasilidade, o corpo é um dos principais instrumentos de controle e de liberdade potencializado pela dicotomia subalternizante. Enquanto a instituição hegemônica circunscreve o corpo num lugar de restrição, de abstinência, de culpa e, em últimas instâncias, de extermínio, a ética e a estética desviantes, arruaceiras e encantadas pluralizam e diversificam as experiências do corpo, como um recurso fundamental para os processos de alteridade e de sujeitificação.

¹ Doutor em Ciência da Religião pela PUC-SP. E-mail: dubonine@gmail.com

Defendemos que o devir macumbeiro é uma prática ecoada nas ruas do Brasil, nas elaborações de (re)existência que possibilitam indivíduos se tornarem pessoas. Por isso, percebemos a necessidade de sistematizar essa ontologia arruaceira como uma das possibilidades de se fazer ciência no campo brasileiro. Para conseguirmos entender as práticas, as trocas, as insurgências e os conflitos de nossa sociabilidade, não podemos nos restringir a metodologias e epistemologias importadas ou que reforcem padrões hegemônicos, se em nosso cotidiano pulsam e ressoam modos propositivos de ser e de estar em sociedade.

Para a nossa compreensão de ciência da religião, o objeto religioso não se restringe a uma assimilação itinerante entre o sagrado e o profano, entre a fé e o rito ou entre o dogmático e o secular. Nas encruzilhadas de nosso país, somos incorporados e corporificados por repertório religioso que nos dinamiza cotidianamente e produz a nossa circularidade ontológica.

Assumimos que a nossa metodologia não está em processos exemplificadores nem simplificadores do objeto, mas no reconhecimento de sua complexidade e de sua sofisticação. Por isso, defendemos que entre a fé do Brasil-nação e o rito da brasilidade surge um devir muito característico da multiplicidade de nosso país. Ser e estar em nossas esquinas é uma forma dinâmica de produção de saberes.

Desejamos, com este texto, repensar os nossos lugares de produção de saber e como praticamos as ontologias, epistemologias e metodologias ecoadas de nossa brasilidade. Pensando em uma Ciência da Religião à brasileira, que potencialize e revele a multiplicidade e a diversidade de nosso país, que não se esgotam em paradigmas hegemônicos, propomos sistematizar o que entendemos e conceituamos como devir macumbeiro. Para isso, compartilharemos o corpo ético de Madame Satã como um recurso de sujeitificação e de alteridade de sua existência e o desfile da escola de samba Lins Imperial² em 2023, no enredo *Resistir para existir*, como reverberação estética de sua supra existência.

1. Devir macumbeiro

Quando sugerimos o devir macumbeiro como um conceito para pensarmos e propormos o Brasil, seja por meio de nossa sociabilidade, religiosidade ou política, defendemos que a ética exusíaca e a estética exunouveau são as duas bases estruturantes da nossa circularidade ontológica. Em nossa tese, defendida no programa de Ciência da Religião da PUCSP, sistematizamos que a brasilidade ecoa a nossa capacidade de ser e de estar por meio da terreiragem, quando deixamos de ser indivíduos em disputa para nos tornarmos pessoas em comunidade.

O encontro entre os terreiros do samba, da macumba e do cotidiano potencializa e instrumentaliza as nossas formas de sujeitificação e de alteridade, por isso, conseguimos elaborar as nossas (re)existências apesar de todo controle hegemônico de subalternidade perpetuado por constantes violências praticadas pelo racismo, pela misoginia, pela *queerfobia*, pelo mandonismo e pelo classismo.

A ética exusíaca e a estética exunouveau são imprescindíveis para conseguirmos alcançar com sensibilidade e encantamento a complexidade e a sofisticação de nossas práticas ontológicas,

² Escola de Samba da série Ouro do carnaval carioca de 2023.

porque precisamos romper com a perspectiva dicotômica de um positivismo encarcerador e abstermo, que nos circunscreve a meros exemplos ou reducionismos subalternizantes.

Nossa perspectiva hegemônica de fazer ciência ao “colocar o ser humano como um objeto científico (...) objetificou corpos e forjou a emancipação de outros por meio de um poder comparativo, transformando-os em referencial” (Bonine, 2024, p. 57), por isso, assumimos que se perpetua a partir desse cientificismo colonial práticas colonizadoras e subalternizantes que pouco têm a ver com a multiplicidade das alteridades e das sujeitificações cotidianas.

Desejamos diversificar nossos objetos e nossas hipóteses acadêmicas com a proposta de alcançarmos aquilo que mais se aproxima de nós, de nossas trocas sociais e de nossas produções de saberes. O nosso referencial não pode ser única e exclusivamente o hegemônico, por justamente dinamizarmos, diversificarmos e pluralizarmos os nossos conflitos e os nossos interesses.

Propomos que a nossa sensibilidade e o nosso empenho acadêmico estejam nas miudezas e nas fagulhas daquilo que somos e que podemos ser diante da circularidade ontológica de nossas decisões, escolhas, possibilidades e alternativas enquanto seres viventes. Se “nós herdamos um vício colonial estruturado na dicotomia do Eu-hegemônico e do Outro-subalternizado (...), precisamos nos atentar a nossas referências, bibliografias e idiosincrasias sociais” (Bonine, 2024, p. 57) para podermos falar por nós e sobre nós.

João Francisco dos Santos é um dos exemplos de nossa sujeitificação e de nossa alteridade forjadas em nossa terreiragem. Se pensarmos na ética exusíaca como um “instrumento basilar da ontologia elaborada por aqueles e aquelas que (re)existem em um projeto colonial de subalternidade” (Bonine, 2024, p. 87), podemos vislumbrar que o corpo preto e bicha de um malandro carioca e transformista na Lapa do começo do século XX ecoa essa ética e (re)elabora a sujeitificação e a alteridade desse ser humano.

Essa ética surge do caráter brincante de Exu, orixá das encruzilhadas, do mercado, da circularidade e das oportunidades. Enquanto a ética positivista se restringe a um conflito dominante, a ética exusíaca produz ecos-mundos diversos onde o conflito é bem-vindo caso seja garantido o seu caráter de multiplicidade e não de restrição. As ruas do Brasil são lugares de trânsito de seres viventes e supraviventes³ que experimentam o desejo e reverberam suas vontades e seus conhecimentos para além dos limites encarceradores da colonialidade.

Por isso, João Satã assimilou sua malandragem a seu corpo transformista, fez com que sua macumbaria, sua arruaça e sua capoeiragem também cruzassem com suas prisões, seus assujeitamentos e violências racistas. Madame Satã nos auxilia a perceber o devir macumbeiro praticado pela brasilidade apesar do Brasil-nação, onde as (re)existências convivem com as resistências.

³ Para nós, seres viventes e supraviventes são possibilidades de existências macumbeiras. Essa definição é elaborada pelo historiador Luiz Antonio Simas em seu livro *Umbandas: uma história do Brasil* ao sistematizar todas as possibilidades de vida presentes nas terreiragens. Nós nos aproximamos desse conceito encruzilhado, entendendo-o como um lugar de encontro com suas atrações, dispersões, disputas, contradições e principalmente todas as suas contingências de porvir. Assumimos supravivente como uma ancestralidade presentificada, como um corpo em trânsito passível de se elaborar em corporeidade, corporalidade e incorporação. Na definição da intelectual das artes cênicas e da linguagem do corpo Leda Maria Martins, em seu livro *Performances do tempo espiralar, memórias do corpo-tela*, a ancestralidade é presentificada no corpo macumbeiro por meio de seu entendimento espiralar da vida, em que passado, presente e futuro coabitam a memória de um corpo. Ao assumirmos a rua como um lugar de trânsito desses seres viventes e supraviventes, assumimos a rua como uma entidade macumbeira produtora de saberes políticos e poéticos compartilhados pela brasilidade, porque habitar, ocupar e experimentar a rua é compartilhar experiências e memórias.

Alinhada a essa perspectiva está a estética experimentada e perpetuada pela terreiragem, a exunouveau. Para nós, se trata de “um jogo linguístico de aglutinação de Exu, o orixá da imprevisibilidade, com nouveau, termo emprestado da História da Arte” (Bonine, 2024, p. 97). Desenvolvido pelo pesquisador Edimilson de Almeida Pereira,⁴ nós incorporamos esse conceito estético para defender que, em meio às assimilações coloniais que forjam e estruturam a nossa compreensão estética de coletivo e de indivíduo, “a arte nouveau fez com que o Brasil-nação reproduzisse um lugar estético de subalternidade que a estética exunouveau não permitiu” (Bonine, 2024, p. 98).

Por isso, como um caráter desviante de Exu, essa estética permite que ocorra nas ruas da terreiragem “o novo, o contraditório, a ode à natureza, a ideia de transmitir movimento para a arte (...). Nas encruzilhadas, nos trânsitos sociais, nos encontros e desencontros, nos espaços de disputa, apesar da fé do Brasil-nação. O ritual da brasilidade é o imprevisível” (Bonine, 2024, p. 98). O que nos interessa enquanto lugar ontológico, epistemológico e metodológico é o terreiro e o corpo possibilitadores de alteridade e de sujeitificação.

Desse devir macumbeiro, surgem as nossas perspectivas de ser e de estar em sociedade, por meio das práticas econômicas, religiosas, políticas, culturais, educativas, etc. Neste texto, nos concentraremos no corpo abundante de Madame Satã e na reverberação de sua ética e de sua estética pelo enredo da Lins Imperial. De seu falecimento em 12 de abril de 1976 até o desfile da escola carioca em 17 de fevereiro de 2023, quase 50 anos separam a existência do ser vivente dos ecos produzidos enquanto supravivente.

João Satã continua reverberando pelo Brasil, seu corpo e seu encantamento ainda ecoam pela brasilidade, suas experiências de malandragem e de transformismo ainda são pautas desviantes em uma sociedade controlada pela fé do Brasil-nação. Acreditamos que os processos de (re)existência praticados por João Francisco dos Santos em sua biografia e levados para o sambódromo como enredo de carnaval sistematizam as (re)existências do devir macumbeiro, na produção ética e estética daquilo que somos e que insistimos em ser.

2. Madame Satã

Para pensarmos em João Francisco dos Santos, o Madame Satã, precisamos perceber o seu corpo. A sistematização do devir macumbeiro nos possibilita entender o corpo como algo que tanto produz quanto é produzido nas dinâmicas de sociabilidade praticadas pela terreiragem. Argumentamos que por desviar da fé do Brasil-nação, em vez de incorporar e corporificar um assujeitamento abstêmio, o ritual da brasilidade reverbera um corpo abundante capaz de produzir alteridade e sujeitificação.

Pautados na perspectiva da pesquisadora e cientista da religião Patrícia Rodrigues Souza,⁵ nós entendemos que a sociedade colonial se estrutura na produção de indivíduos isolados com

⁴ Edimilson de Almeida Pereira também é poeta, ficcionista, ensaísta, professor e pesquisador da cultura e da religiosidade afro-brasileiras. Graduado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, é mestre em Literatura Portuguesa e doutor em Ciência da Religião. Seu conceito de exunouveau está amplamente discutido no livro *Pereira, Edimilson de Almeida. Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiáspórica na literatura brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2022.

⁵ O corpo é um dos objetos principais defendidos por Patrícia Rodrigues Souza em sua tese sobre Religião Material, como uma estrutura fundamental para a percepção de sociedade e de religiosidade como dispositivo de controle. Ver

corpos passíveis de ser controlados e encarcerados, em vez de pessoas dispostas a percepções plurais e múltiplas a respeito de si próprias e de suas sociabilidades. Qualquer atitude de elaboração, de encantamento, de dinamicidade e de liberdade em relação ao corpo, para o Brasil-nação, é passível de recriminação, de punição, de encarceramento e de violência.

Nessa produção de um imaginário punitivista e à parte de qualquer processo social, religioso ou político permissivos e autênticos, a sociedade construiu para si um comportamento colonial de negação, repulsa, controle, falseamento, manipulação e escrutínio do corpo, em uma atitude abstermida movida por um conservadorismo político, por uma escatologia religiosa ou por um rancor social. Embora a fé do Brasil-nação perpetue esse comportamento intrínseco ao jogo hegemônico, o ritual da brasilidade produz pessoas desviantes que praticam e reverberam seu corpo com encantamento, liberdade e alteridade, por meio de outras ontologias, como a malandragem, a padilhagem ou a criançagem.⁶

Como neste texto discutiremos a biografia de João Satã e suas potencialidades ética e estética, nos concentraremos na ontologia malandra produzida, compartilhada e (re)elaborada por meio do devir macumbeiro. Para nós, essa capacidade e essa atitude malandras de ser e de estar é um saber elaborado pelo corpo e disputado pelo corpo na produção cotidiana de uma epistemologia vacilante. Por isso, podemos assumir, como anteriormente o fizemos em nossa tese de doutorado *Devir macumbeiro*, que “Madame Satã é a existência que vacila ao atravessar e retornar os limites impostos pela fé do Brasil-nação” (Bonine, 2024, p. 114).

O sujeito malandro pratica a sua sociabilidade por meio de sua ginga. Se “o domínio da branquitude cis-gênero heteronormativa aprisionou o corpo do Outro-subalternizado no cárcere da não existência” (Bonine, 2024, p. 125), a malandragem driblou e desviou, assumindo para si seu corpo abundante, como um produtor e disseminador de ontologias, epistemologias e metodologias. Essa nossa afirmação parte da perspectiva de que “o que o sujeito Malandro elabora, por meio de seu corpo, é uma subversão instintiva a essa pragmática asceta” (Bonine, 2024, p. 125).

em: Souza, Patricia Rodrigues de. *Religião material: o estudo das religiões a partir da cultura material*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Alinhada a essa perspectiva, a pesquisadora também define a abstinência como uma das propostas encarceradoras que violenta e culpabiliza o corpo, destituindo a humanidade de sua alteridade e de sua sujeitificação. Ver em: Souza, Patricia Rodrigues de. Abstinência (verbetes). In: Passos, João D.; Usarski, Frank (Orgs.). *Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2022.

⁶ Desenvolvemos com mais afincos esses conceitos na tese *Devir macumbeiro* defendida no programa de pós-graduação em Ciência da Religião na PUC-SP. Primeiro, precisamos entender o que reverbera desse campo ontológico das macumbarias, a ética e a estética da brasilidade, formas de pensar e de experimentar a existência por meio da multiplicidade, da pluralidade e da diversidade, sem aprisionamentos ou encarceramentos impostos pelas binaridades hegemônicas. Segundo, que essas reverberações ontológicas são sistematizadas em epistemologias políticas e poéticas produzidas, praticadas, compartilhadas por corpos macumbeiros. A malandragem, conceito emprestado do historiador Luiz Antonio Simas, explicita os paradoxos de liberdade de certo corpo que experimenta a vida com alteridade, sem padecimentos e exploração. Na contramão de uma lógica neoliberal, há o sujeito Malandro que brinca de trabalhar para viver brincando, percebendo que a existência é coisa séria demais para estar comprometida com o enriquecimento do outro (Simas, 2021). A padilhagem é defendida por pedagogo Luiz Rufino e, também, pelo filósofo Rafael Haddock-Lobo, no livro *Arruaças, uma filosofia popular brasileira* em que recuperam o corpo das pombagiras de terreiro para revelar tanto a pedagogia de empoderamento quanto a filosofia de alteridade que elas praticam e compartilham como sopraviventes (entidades que baixam em terreiro) e viventes (mulheres brasileiras que reivindicam seus espaços de sociabilidade e de pertencimento). O conceito de criançagem foi desenvolvido na tese *Devir macumbeiro* (Bonine, 2024) a partir dos exemplos das brincadeiras de terreiro, as experiências supra viventes dos erês e viventes das crianças, possibilitando outras formas de dimensionar a existência, na manutenção da mitopoética como um recurso metodológico (Theodoro, 1996) e reverberação do axé-brincante, entendendo que a poética e a política são epistemologias prolicuas quando produzidas pela brincadeira.

João Francisco dos Santos nasceu em 25 de fevereiro de 1900, na cidade de Glória do Goitá/PE, a 65 quilômetros de Recife, capital do Estado. Negro, malandro e bicha, praticou a malandragem das ruas e, ao mesmo tempo, a dinamicidade de seu gênero ao assumir para si a identidade transformista da Mulata Balacochê, depois a de Madame Satã, por isso, não podemos ignorar que o corpo foi um objeto tanto de identidade quanto de sobrevivência para ele. Foi seu instrumento de defesa e de gozo, foi seu maior ataque quanto à violência colonial e seu maior recurso de fantasias, aprendizagens e alteridade.

No livro *As múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo*,⁷ da pesquisadora e professora Geisa Rodrigues, em que ela apresenta e discute o processo identitário de João Satã a partir de seu corpo, a pesquisadora Ana Kiffer pergunta no prefácio se “o corpo é sempre um ou pode ser vários?” (Kiffer, 2013, p. 9). Ela pontua em sua retórica a relevância do corpo no processo de sujeitificação e de produção de alteridade das pessoas, porque a existência passa pelo corpo, nas reverberações de corporeidade e de corporalidade, o que para nós, quando pensamos o ser e o estar no mundo por meio da macumbaria, é importante, por entendermos o corpo como um produtor e disseminador de saberes, bem como um produtor e disseminador de identidades.

Mesmo assumindo essa relevância, a autora ainda assimila um posicionamento discursivo que desassocia as modalidades ontológicas de produção de saber, como se toda sua estrutura epistemológica fosse compartimentada. Entendemos que o ser e o estar na prática cotidiana da brasilidade não é resultado individual de disciplinas que se complementam, os estudos não estão desassociados. Seja historiográfico, estético, filosófico ou político, os estudos e as percepções para descrever os “amontoados discursivos sobre o ‘mito’ Madame Satã” (Kiffer, 2013, p. 9) não podem ficar restritos a dicotomias, porque sua existência cruzou possibilidades para constituir uma identidade.

O que Ana Kiffer considera uma multiplicidade no caráter identitário de João Satã, nós consideramos um devir. A autora conceitua a capacidade sistemática do malandro de produzir e de compartilhar saberes por meio de suas práticas cotidianas como um comportamento múltiplo e criador de múltiplos, o que para nós é justamente a capacidade ecoante do devir macumbeiro. A dinâmica política está em romper justamente com a ideia de indivíduo assujeitado e subalternizado para se tornar uma pessoa sujeitificada e com alteridade.

Embora tenhamos nos concentrado na percepção de Kiffer sobre o corpo de Satã, pontuamos que a preocupação da pesquisadora está em anunciar os interesses por trás das reverberações ética e estética do bicha-malandro, “colocando em cena um certo número de questões em torno da sexualidade e do gênero que só muito depois dos setenta,⁸ após termos realmente absorvido a leitura e a trajetória de Michel Foucault entre nós, começou a se tornar um campo digno de problemas” (Kiffer, 2013, p. 9). Temos dificuldade em aceitar essa perspectiva binária e hegemônica entre sexualidade e gênero e a referência foucaultiana apresentada pela autora, porque o que nos interessa, enquanto brasilidade, não são as assimilações conceituais importadas e segmentadas, mas a nossa capacidade de complexificar e de sofisticar o nosso processo de sujeitificação constantemente (re)elaborado em nosso cotidiano.

Porque mesmo considerando outras existências e revisando dogmas positivistas e excludentes, Kiffer percebe João Satã como alguém que disputa e transita socialmente o seu gênero

⁷ O prefácio assinado pela pesquisadora Ana Kiffer introduz a publicação do livro *As múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo* da professora de Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense Geisa Rodrigues, publicado em 2013 pela Editora da UFF.

⁸ Década de 1970, quando o Brasil começa a conhecer os escritos sobre sexualidade e gênero de Michel Foucault.

e a sua sexualidade, mas essa percepção periférica é produto de uma filosofia que pouco acessa a multiplicidade e os desvios da brasilidade. O que Foucault sistematizou, Satã viveu, experimentou, praticou, incorporou, negou e assimilou enquanto existiu como ser vivente e continua a reverberar enquanto um supravivente, porque na década em que os escritos do filósofo chegavam ao Brasil, Satã se despedia de sua vida encarnada, falecendo em 1976.

Em contrapartida, a autora também questiona essa assimilação ou essa problematização de gênero importada em nosso cotidiano. Segundo ela, “urgente notar que a consequente queda na crença em uma essência ou em um eixo identitário permitiu aparições muito distintas no cenário crítico contemporâneo” (Kiffer, 2013, p. 10), mas precisamos nos questionar sobre os padrões e os não-padrões sem incorrer novamente em disputas binárias e dicotômicas. Satã, em sua prática cotidiana, nos leva a pensar qual a necessidade de classificação? Embora nós não queiramos aqui discutir as importâncias políticas e militantes das definições identitárias, desejamos discutir os trânsitos plurais e diversos oriundos das encruzilhadas da brasilidade. As definições que importamos não contemplam nossas (re)existências.

Por exemplo, a multiplicidade em Satã. Pelas palavras de pesquisadora, poderíamos perceber que sua identidade como uma performance, porque “a diferença aí residiria apenas no fato de que agora temos uma essência ‘misturada’, multicultural” (Kiffer, 2013, p. 10), mas para quem cotidianamente tenta se constituir enquanto sujeito, a categoria performance pouco contempla as disputas sistematicamente violentas experimentadas por um corpo diverso e plural.

Para descrever sobre João Francisco dos Santos, Kiffer utiliza termos categóricos como “híbrido” e “estranho”, nós optamos e sugerimos termos como “alteridade” e “sujeitificação”. Essa invertida conceitual é uma ação para nos distanciar das binaridades e dos reducionismos hegemônicos e nos aproximar das potencialidades diversas e plurais da brasilidade. O bichamalandro pratica a complexidade e a sofisticação que tanto temos pontuados como estruturas possibilitadoras de nosso devir macumbeiro, porque as “suas interrogações (enquanto vivo) contribuem para aqueles que estudam hoje as questões da corporalidade seja no âmbito estético, sexual ou cultural” (Kiffer, 2013, p. 10), João Satã é o exemplo empíricos de nossas possibilidades.

Em seu texto, Kiffer define essas contradições políticas e sociais do corpo como sintomas culturais, nós optamos por definir como reverberações culturais, porque se para ela “se consagrou uma ‘certa cultura marginal’ e que ainda hoje clama por sair dos seus próprios estereótipos, tal qual Satã em suas múltiplas faces” (Kiffer, 2013, p. 10), para nós se (re)elaboram (re)existências cotidianamente. Nossa defesa é a de que o rito da brasilidade oferece desvios, tangentes, encruzilhadas e gingas vacilantes para que nossos processos identitários sejam sujeitificações abundantes, não assujeitamentos abstêmios dependentes de sintomas culturais oriundos de contraculturas.

Em outra perspectiva, também baseada na ética e na estética da terreiragem, a da multiplicidade, não nos cabem explicações nem reducionismos como metodologias, porque estamos em contante modo e estado de elaboração. Se para a autora a identidade de Satã se estrutura em um “espaço ainda insondável do pensamento onde um corpo já não sobrevive senão como abstração/aberração da ideia e, desse modo, nos convoca sem parar ao aberto que exprime a sensação de experimentar vários corpos” (Kiffer, 2013, p. 11), para nós, esse corpo é uma alteridade, uma memória, uma ontologia, um produtor de saberes que não sobrevive nem resiste, mas vive e (re)existe.

Defendemos que João Satã é a experiência empírica do que conceituamos como devir macumbeiro, por isso acreditamos na diversidade em nossa metodologia acadêmica e,

principalmente, na Ciência da Religião. O que Kiffer classifica como corpo subversivo, nós vislumbramos um corpo desviante ou brincante, porque o que está “ao aberto” e emite a sensação diversa de corporalidades é a atitude abundante em relação a si, ao outro e à existência.

Se nos preocuparmos em produzir uma Ciência da Religião à brasileira que não apenas percebe a nossa religiosidade e nossa sociabilidade como objetos, mas como ontologia, epistemologia e metodologia, precisamos nos concentrar em toda a nossa capacidade de produzir conhecimento e de reverberar o nosso axé brincante que não se esgotam nos paradigmas hegemônicos, nem se encarceram nas dicotomias positivistas.

Propomos pensar em categorias como corporalidade, incorporação e corporeidade. Embora o dicionário sistematize corporalidade e corporeidade como palavras sinônimas, desejamos pontuar sua diferença na nossa compreensão abundante das experiências ética e estética com o corpo. Pensemos no sufixo “idade”, entendido como um sufixo de produção, ao ser aglutinado principalmente a um adjetivo. Então, retomemos a nossos conceitos. Corporal é um adjetivo. Corpo é um substantivo. Essa é a principal diferença em nossa sistematização. Corporalidade é o adjetivo tomando proporções produtivas. Corpo é o substantivo tomando essas proporções.

Essa diferença é importante para assumirmos a multiplicidade da nossa relação com o corpo ao produzir saberes, porque, para o devir macumbeiro, o corpo é abundante. Se o adjetivo modifica, o substantivo nomeia e classifica. Então, corporalidade e corporeidade são nossas formas de produzir ontologias, epistemologias e metodologias por meio de nossas modificações, nomeações e classificações cotidianas. A incorporação é o trânsito estabelecido nas nossas disputas de sociabilidade, tendo o corpo como principal meio para essa produção.

Pensando na malandragem, a gente não é um corpo, nem ocupa um corpo, nem tem um corpo, acontece que por sermos seres vivos e, também, sobreviventes, nós temos uma capacidade complexa e sofisticada de transitar e de transgredir por meio do corpo, experimentando outras experiências, tanto na construção de memória, quanto na perspectiva do esperar e do socializar. O corpo malandro é o desvio, a ginga e o drible. Se a gente não desgarra do corpo, como o positivismo tenta nos inculcar o tempo todo, na fabricação de indivíduos produtivos, o que nos potencializa é a prática do nosso devir macumbeiro, que nos torna pessoas estabelecidas por meio de comunidades e propensas à prática abundante do corpo.

A exemplo de Madame Satã, ser um bicha-malandro não é apenas brincar com o corpo, mas experimentá-lo sem o encarcerar. Se a malandragem sistematiza a heteronormatividade cisgênera e, ao mesmo tempo, um sujeito subalternizado e marginalizado na periferia do saber, a bicha é a sistematização da existência *queer*, também subalternizada e excluída. É na exclusão que João Satã une dois corpos em disputa, o da bicha e o do malandro, para se tornar sujeito e produzir sua alteridade.

3. Corpo ontológico reverbera ecos-mundos

Uma de nossas principais preocupações quanto à sistematização do devir macumbeiro na disciplina de Ciência da Religião é a percepção de que somos complexos e sofisticados o suficiente para produzirmos ontologias, epistemologias e metodologias à brasileira. Assim, nossas potencialidades são múltiplas, diversas e plurais, mas não desassociadas ou antagônicas como as binaridades e dicotomias compartimentalizadas no pensamento hegemônico.

O que percebemos e construímos enquanto um saber também é praticado e possibilitado em nosso cotidiano, tanto de forma política quanto social. Se recuperarmos um apontamento presente no texto *O corpo é sempre um ou pode ser vários?*, perceberemos que a autora se pergunta se o corpo político de João Satã não é “apenas a crítica e o desmonte dos dispositivos de poder e controle dos corpos, mas a produção artística e crítica de ser vários corpos?” (Kiffer, 2013, p. 11), e nós respondemos com uma perspectiva abundante e encruzilhada sobre essa existência, a de que tanto a multiplicidade quanto a reverberação da ética e da estética de Madame Satã são produtos e produtores de possibilidades do corpo brasileiro, desse constructo cotidiano constantemente (re)elaborado conforme seu cruzo, seu eco e sua reverberação.

Nesse aspecto, o que nos interessa é o corpo abundante sistematizado pela perspectiva da pelintragem e da malandragem. Podemos perceber e exemplificar essa nossa ontologia incorporada e corporificada por meio do bicha-malandro que foi (e é) Madame Satã como uma prática cotidiana de seu devir macumbeiro, cruzando aquilo que compreendemos como territórios de elaboração ontológica da brasilidade, o terreiro de samba, o terreiro da macumba e o terreiro do cotidiano, porque sua figura enquanto existência e (re)existência compartilha a ética exusíaca e a estética exunouveau para a formação dos repertórios social, cultural, religioso, político e econômico brasileiro.

Falar de João Francisco dos Santos é falar de carnaval, de encantaria e de um Brasil experimentado e vivenciado nas e pelas ruas. Por isso, nossa intenção é a de exemplificar essa ontologia reverberada em nossa sociabilidade por meio do enredo *Resistir para existir*, apresentado no carnaval de 2023. Em uma edição d’*O Globo* de 17 de fevereiro de 2023, a matéria assinada pelo jornalista Rafael Galdo anunciava o enredo da escola de samba Lins Imperial⁹ sobre a existência de João Francisco dos Santos, recuperando o desfile de 1990, descrito pela reportagem como uma versão romântica da trajetória de Satã.

Para o desfile de 2023, a Lins opta por homenagear o bicha-malandro com “latente tom político (...), e sem tabus”.¹⁰ Consideramos interessantes essas perspectivas pontuadas pelo jornalista, principalmente em nosso campo da Ciência da Religião, como consequência das nossas compreensões dos termos político e tabu, ambos sustentados em nossa bibliografia hegemônica, como se fossem desassociados ou aproximados por oposição.

Neste texto, nossa análise sobre a reverberação carnavalesca de João Satã será textual, concentrada no samba enredo apresentado pela Lins Imperial, mas podemos destacar que tanto as alegorias do desfile quanto a comissão de frente são fundamentais para a construção não só do mito e do sujeito Madame Satã quanto dos mitos e dos sujeitos subalternizados que ainda padece sobre os preconceitos da fé do Brasil-nação.

Apenas como citação, o percurso da escola se inicia com os componentes da comissão de frente apresentando cartazes com imagens de pessoas queer que, apesar da violência institucional do país, construíram um corpo possível, diverso e plural para si e para suas ações político-sociais. Matheusa Passarelli, July July, João W. Nery, Jane de Castro, Jana Munis, Rogéria, Locracia, Paulette e Jorge Lafond são alguns exemplos das homenagens que abriram o desfile.

Quanto à análise do samba, podemos começar pelo título, *Resistir para existir*. Embora o teor político esteja presente e sistematizado no infinitivo das palavras, chama-nos a atenção que

⁹ Escola de Samba da série Ouro do carnaval carioca de 2023.

¹⁰ Reportagem disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/noticia/2023/02/bicha-malandro-lins-faz-releitura-de-enredo-sobre-madame-sata-com-olhar-sem-tabus-na-serie-ouro.ghtml> (Último acesso: junho/2024).

para a existência ser possível, é preciso resistência, como se essas vidas fossem subjugadas e submetidas a uma oposição de força cotidianamente e não pudessem surgir sem o engajamento e a encarnação combativos.

Na primeira estrofe, somos apresentados ao sujeito Malandro, “sua pessoa encarnou um Zé Pelintra. / Deus pintou a preta tinta, / neste corpo brasileiro. / João criança via três moleques guias / protetores da vadia alma desse quizumbeiro. / Felicidade nunca esteve no seu mapa, / se tornou a lei da Lapa, / respeitado arruaceiro. / Bicha malandro, com seu fio de navalha, / Orixá da sua laia e das moças do puteiro”. A começar por pontuar sua ontologia arruaceira, sua metodologia de fio de navalha e sua epistemologia de bicha-malandro, complexificando e sofisticando formas de ser e de estar no mundo para além das normatividades impostas.

A preta tinta, o corpo brasileiro, a felicidade não presente, a lei da Lapa, o Orixá da sua laia e as moças do puteiro são alguns aspectos fundamentais para se consiga perceber o racismo, o classismo, a misoginia e a heteronormatividade que estruturam a fé do Brasil-nação em disputa com o ritual da brasilidade, próximo de toda ética e estética praticadas e reverberadas por João Satã e por corpos que (re)existem às subalternizações.

Em outra estrofe, o samba pontua que “dizia ele que apesar de ser tihoso, / no amor tão carinhoso, / também tinha mãos de lã. / Era um deboche para todo desacato, / deu-lhe o nome um delegado, / salve Madame Satã! / Foi valentão e bom de briga, / o rei da ginga, anjo das rebeliões. / Este Brasil não pode mais silenciar / quem nasceu para enfrentar / o furor das multidões! / A sua vida foi um palco de teatro, / negro drama do asfalto, / flor que ensina a resistir. / Ó, entidade, de bonecas e mendigos, / renegados e vadios, baixe na Sapucaí!”.

As nossas perspectivas binárias nos permitiram perceber um João Satã contraditório, sendo tihoso e carinhoso, tendo mãos de lã, mas o devir macumbeiro revela a circularidade presente em seu processo de sujeitificação e de alteridade. Mesmo sendo um deboche e valentão, tendo gingado e participado das rebeliões, ganhou o nome feminino de Madame Satã, o que complexificou e sofisticou ainda mais a sua multiplicidade, o seu corpo que, sim, pode ser múltiplo e diverso.

Se a fé do Brasil-nação não pode mais silenciar, embora tente constantemente assassinar e exterminar com bonecas e mendigos, com renegados e vadio, João Satã como uma entidade supravivente reverbera sua ontologia com toda a sua circularidade para a brasilidade produzir formas diversas de existir, sem ficar refém da resistência.

Ao apresentar Madame Satã para o carnaval de 2023, a Lins Imperial levou sujeitos que cotidianamente se (re)elaboram nas frestas das possibilidades existenciais e produzem ecos-mundos de alteridade. O caráter político, social e cultural do carnaval é um exemplo prático de como a metodologia, a epistemologia e a ontologia são compartilhadas em nossa sociedade. Se a normatividade nos separa para nos encarcerar em possibilidades reducionistas, a brasilidade nos bagunça para alcançarmos alteridade e sujeitificação.

Essa experiência empírica da experimentação do carnaval possibilita que a gente perceba a manutenção dos processos de sociabilidade praticados em nosso país na disputa entre a fé do Brasil-nação e o ritual da brasilidade. Recuperando o que sistematizamos como devir macumbeiro, compreendemos que o nosso modo de ser e de estar em sociedade é intrínseco a nossa compreensão de terreirar nossa existência. É por meio dos terreiros do samba, da macumba e do cotidiano que nos tornamos sujeitos e praticamos a nossa alteridade.

O carnaval, por meio de seu desfile, estabelece repertórios cultural, educativo, religioso, econômico, social e político que não estão desassociados, nem dependem um do outro, pois são múltiplos e diversos naquilo que nos é tão caro: a nossa pluralidade. Madame Satã continua a reverberar seus ecos-mundos e seu axé brincante, a possibilidade de experiências incorporadas, corporalizadas e corporificadas porque está vivo na produção de memórias e de saberes da nossa terreiragem. Desfilando João Satã é olhar para o passado, pavimentar um presente e assegurar um futuro, é o devir macumbeiro possibilitando o esperar, característica fundamental da brasilidade em seu drible de (re)elaboração.

A continuidade das pessoas brasileiras está na manutenção do esperar e na crença de uma circularidade ontológica que independe das permissões ou dos encarceramentos do Brasil-nação. Por isso, o próprio título do enredo da Lins Imperial, ao relacionar a existência à resistência, é continuamente revista e repensada pela sujeitificação e pela alteridade do devir macumbeiro. O que ecoa de nossas ontologias são as (re)existências, seguras e asseguradas, múltiplas e diversas, transgressoras e desviantes, por isso, entender que para existir é preciso resistir é uma forma de encarcerar a complexidade e a sofisticação nos limites das disputas sociais e políticas que a colonialidade ainda pratica em nosso projeto de país.

A potência de nossa ética exusíaca e de nossa estética exunouveau é justamente essa, a sensibilidade e a atenção presentes em um enredo que pode ser percebido em toda a sua circularidade, porque pratica o devir macumbeiro. A resistência militante também possibilita as (re)existências encantadas. Madame Satã é uma lembrança cotidiana da presentificação de nossos corpos, por ser um Bicha-Malandro, por ser múltiplo, por propor práticas, saberes, experiências e possibilidades que não nos restringem, mas nos transbordam.

Conclusão

O corpo abundante é uma das formas possíveis de existência praticadas em nossos trânsitos, desvios, alternativas e encruzilhadas cotidianas. O que pulsa em nossas ruas, em nossos bares e em nossas esquinas são formas múltiplas e diversas de ser e de estar, modos que nos aproximam das experiências comunitária e social e nos distanciam do encarceramento do indivíduo produtivista e violento.

Percebemos que as práticas de terreiro, seja o do samba, o da macumba ou o do cotidiano, também nos permitem elaborar ontologias, epistemologias e metodologias reverberadas pela brasilidade, nossas formas múltiplas e diversas de convivência, de existência e de produção de saber.

Nossa conclusão é a de que a Ciência da Religião pode perspectivar a religiosidade para além de um objeto, que a nossa brasilidade, ao profanar o sagrado e sacralizar o profano, produz multiplicidade e ecos-mundos muito próprios que contemplam a nossa corporeidade e a nossa corporalidade.

Recuperando a pergunta de Ana Kiffer, “o corpo é sempre um ou pode ser vários?”, concluímos que é por ser plural e por proporcionar diversas experiências e caminhos é que o corpo abundante presente na brasilidade nos possibilita existir e (re)existir. Enquanto sujeito vivente, Madame Satã praticou sua circularidade ontológico cotidianamente, depois, como supravivente, entre a restrição do mito ou as revelações da fantasia, produziu ecos-mundos que sujeitificam e conferem alteridades múltiplas as pessoas sistematicamente violentadas. Compartilhar a ética e a estética de João Satã é revelar possibilidades de vida.

Referências

BONINE, Eduardo. **Devir macumbeiro**. A epistemologia de terreiro como produtora de conhecimento, de existência e de alteridade no Brasil. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

BONINE, Eduardo. **Institucionalização do racismo religioso**: reflexões sobre o racismo religioso institucionalizado na gestão de Sérgio Camargo na Fundação Cultural Palmares. Revista Reflexão, v. 47, 2022. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/5634>. Acesso em: 23 nov. 2023.

GALDO, Rafael. Madame Satã, a “bicha malandro”. O Globo, Rio de Janeiro, 17 de fevereiro. 2023. <https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/noticia/2023/02/bicha-malandro-lins-faz-releitura-de-enredo-sobre-madame-sata-com-olhar-sem-tabus-na-serie-ouro.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2024.

HADDOCK-LOBO, Rafael; RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. **Arruaças**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

KIFFER, Ana. O corpo é sempre um ou pode ser vários? In: RODRIGUES, Geisa. **As múltiplas faces de Madame Satã: estéticas e políticas do corpo**. Niterói/RJ: Editora da UFF, 2013.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Orfe(x)u e Exunouveau**: análise de uma estética de base afrodiáspórica na literatura brasileira. São Paulo: Fósforo, 2022.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Religião e identidade cultural negra**: afro-brasileiros, católicos e evangélicos. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 56, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22524>. Acesso em: 23 nov. 2023.

SIMAS, Luiz Antonio. **Umbandas: uma história do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

SOUZA, Patricia Rodrigues de. Abstinência (verbete). In: PASSOS, João D.; USARSKI, Frank (Orgs.). **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2022.

SOUZA, Patricia Rodrigues de. **Religião material**: o estudo das religiões a partir da cultura material. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

THEODORO, Helena. **Mito e espiritualidade**: mulheres negras. Rio de Janeiro, Pallas Editora, 1996.

Recebido em 16/09/2024

Aceito em 22/01/2025